

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NO CONTO “MONA LISA”, DE MEIR KUCINSKI

Paulo Roberto Caetano Barreto (UFMG)

Meir Kucinski nasceu em Wlotzlawek, Polônia, no ano de 1905 e morreu em 1976 no Brasil. Na Europa era membro do Partido Trabalhista Sionista. Publicou, na imprensa, textos sobre os mais variados temas judaicos tanto na Alemanha quanto na Polônia. Em 1935 ele chega ao Brasil. Foi membro do partido sionista e pesquisador do Instituto Científico Iídiche. No Brasil continuou sua atividade literária e jornalística, publicando seus textos em jornais como *Jornal do povo*. Publicou, também, na Argentina e nos Estados Unidos.

Em 2003, Rifka Berezin coordenou a seleção e coletânea de contos da autoria do seu professor, Meir Kucinski. Intitulada de *Imigrantes, Mascates & Doutores*¹ essa coletânea revela a construção de vários perfis humanos, tanto brasileiros como estrangeiros, especificamente dos judeus, que aqui no Brasil conviveram.

Kucinski, como afirma a Profa. Berezin, não era um professor nos moldes tradicionais, não ensinava história da literatura ou teoria literária:

Ele simplesmente lia para nós, seus alunos, obras da literatura iídiche cuja escolha não obedecia nem à cronologia nem à métodos didáticos, mas seguia o seu próprio gosto literário. Assim lia com paixão Peretz lado a lado com Berguelson, Scholem Aleikhem com Scholem Asch e outros. (...) fazia breves observações sobre a poética e o estilo. Mas o principal eram as leituras propriamente ditas. E todos nós, seus antigos alunos do Seminário, nos tornamos leitores dessa literatura porque suas leituras nos emocionavam. Todos lembramos com um sorriso a sua entonação e sua pronúncia carregada do iídiche polonês. Talvez não tenha conseguido formar especialistas em literatura iídiche, mas, sem dúvida, transmitiu o gosto por esta literatura e formou leitores. (BEREZIN In: Kucinski, 2002, p. 22-23).

Considerado como um especialista em Literatura Iídiche, Kucinski foi premiado pelo seu conto “Der Guibor” (traduzido na antologia já citado por “O homem mais forte do mundo”) pela revista *Di Tzukunft* de Nova York. Seu primeiro livro de contos foi publicado em Tel-Aviv em 1963 e chamava-se *Nussekh Brasil (Estilo Brasil)*. Dentre outras várias publicações, pode-se relatar o prefácio no livro *O conto Iídiche*, de Jacó Guinsburg (Editora Perspectiva, 1966) e *Di Palme Benkt Tzu der Sosne (A palmeira tem saudade do pinheiro)*: uma coletânea de ensaios, contos e críticas literárias editados postumamente em Tel-Aviv, em 1985. Desse último livro e de *Nussekh* foram retirados os contos que constituem *Imigrantes, mascates & doutores*.

Como se pode perceber, Kucinski sempre esteve ligado à cultura iídiche, seja pela literatura ou pelo jornalismo. Escritor polonês que, constantemente usa em seus textos temas da literatura e liturgia judaica, lança seu olhar sobre o espaço em que viveu muitos anos: o Brasil. Em determinados contos como, por exemplo, em “Mona Lisa” há, pode-se dizer, uma contemplação da mulher brasileira e a descrição, às vezes, lírica, às vezes, encantatória.

¹ KUCINSKI, Meir. *Imigrantes, mascates e doutores*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002

O conto “Mona Lisa” de Meir Kucinski trata de um “vendedor de santinhos” chamado Avrum que mantém um interessante vínculo entre as suas clientes brasileiras: as chamadas “Marias”. Essas personagens femininas - as clientes do mascate - são continuamente descritas e construídas pelo olhar de admiração do narrador: “Para as mulheres brasileiras, sempre tão delicadas, não ficava bem dizer simplesmente “não” ao vendedor.” (KUCINSKI, 2002, p. 59). Vale destacar o momento da narrativa, quando o jovem vendedor havia sido rodeado por jovens mulheres que estavam à procura de uma santa que atendesse às suas mais diversas necessidades, um fato cultural que é ali delineado: as mulheres não compravam santas quando estavam em público:

Avrum sabia que, quando muitas mulheres se juntavam, evitavam comprar santinhos, para não revelar seus íntimos segredos e necessidades para as outras; elas só compravam quando se encontravam a sós com o vendedor. (KUCINSKI, 2002, p. 59).

Então já se pode vislumbrar algumas características da mulher brasileira em “Mona Lisa”: uma consiste num hábito que é marcado pela discrição, marcado pela intenção de se preservar; e outro que passa pelo juízo de valor do narrador: a polidez. Mas não é só de virtudes que é caracterizada a figura feminina no conto. Assim como a clientela juntava-se para contemplar os produtos de Avrum, elas também ficavam em grupo para fazer mexericos:

No mês anterior, quando ele [Avrum] estivera naquelas redondezas pela primeira vez, as mulheres que o rodeavam disseram-lhe para não deixar de ver Dona Cecília, coitada, primeiro porque ela necessitava da compaixão de Nossa Senhora e também de todas as pessoas, por estar sofrendo muito, expiando pelos seus atos e pelos caminhos tortos que trilhara; era até nem melhor tocar nesse assunto...

Assim falavam sobre ela as vizinhas, e para Avrum era difícil discernir se as palavras eram verdadeiras ou irônicas. (KUCINSKI, 2002, p. 59). Observe-se, no fim do primeiro parágrafo da citação, como o narrador se apropria do discurso das mulheres, trazendo, assim, o possível tom de ironia que permeia a fala das mulheres que rodeavam Avrum. Fica assim exposto, mesmo que com sutileza, “um traço” que deprecia o comportamento feminino. Outro ponto digno de nota é o uso das reticências que marcam uma supressão de uma fala e / ou que alguma idéia foi insinuada. Pode-se inferir que D. Cecília foi, quando jovem, uma mulher desregrada, leviana, tendo em vista a expressão “caminhos tortos” usada pelo narrador e, também, como, diferentemente das outras mulheres, permite que um homem entre em sua casa. Tudo isso sabemos, por conta do foco de narração. Para Beth Brait,

A personagem vai emergindo da escuridão graças aos recursos de um narrador privilegiado, que, na sua posição de observador não personificado, pode não apenas mostrar os movimentos que a vão delineando, mas também dizer o que ela está sentindo e, mais adiante o que está pensando. (BRAIT, 1985, p. 54).

Em “Mona Lisa”, o eu enunciatador fornece a desconfiança que Avrum lançava sobre suas clientes: “As mulheres sempre compravam com gosto os quadros e imagens, principalmente do jovem russo. Parecia-lhe que elas olhavam para ele de modo diferente dos outros mascates.” (KUCINSKI, 2002, p. 59). E o narrador ainda usa de uma interessante ambigüidade no seu relato: “Compravam as imagens sagradas com suas últimas moedas e sorriam para ele, quando as procurava naquelas remotas e esquecidas vilas, tão longe da cidade.” (KUCINSKI, 2002, p. 59). Como é possível inferir, o sorriso das mulheres para Avrum e a compra, com seus últimos tostões, a fé nas santas, deixavam transparecer que havia uma admiração pelo belo vendedor que a visitava em sua longínqua residência ou ainda que o derradeiro dinheiro era empregado com o intuito de a santa satisfazer as necessidades da solitária compradora.

Estabelece-se, dessa forma, uma relação possível na dicotomia profano / sagrado: ao mesmo tempo em que Avrum vende itens sagrados, suas clientes (algumas já casadas) adquirem esses utensílios pensando, de acordo com o narrador, no mascate:

Nas horas de solidão e nas horas de sofrimento, naquelas noites em que ficavam sozinhas, abandonadas por seus maridos, as pobres moças voltavam-se para as santas, “Nossa Senhora do Bom Parto”, “da Boa Vontade”, para ter um bom parto, bons pensamentos... E não eram poucas as mulheres que se lembravam daquele jovem e bem apessoado russo que lhes trouxera a santa para a casa... (KUCINKI, 2002, p. 58)

Há, portanto, no conto, uma dessacralização das santas, já que elas têm, em alguns momentos, sua função alterada: servem como uma ligação entre a mulher solitária (e a casada também) e o estrangeiro belo que a vem visitar em sua sofrida jornada. As mulheres, mesmo casadas, são caracterizadas como pessoas solitárias, mulheres de Atenas, numa cidade inóspita. Fica-se assim assinalada outra marca da figura feminina: além de ser a responsável por criar uma dicotomia entre profano e sagrado, a mulher em “Mona Lisa” é construída, a partir do isolamento, da solidão, como um duplo do judeu, do estrangeiro. Certamente, a condição de “estrangeiridade”, de “marginalidade”, de “paria”, da mulher, além de associar-se à imagem do judeu, em Kucinski, também é uma marca do ser humano, tocando assim num ponto que não é individual, exclusivo da mulher brasileira, ou do judeu, mas é algo universal, intrínseco à condição humana.

Segundo Fernando Segolim,

Os seres narrativos, em Propp, definem-se não apenas por sua funcionalidade e temporalidade, mas também por sua referencialidade, isto é, por sua capacidade de nos remeter, em virtude da específica organização de suas ações-funções, a um referente humano, e nunca por seu caráter de mera representação do homem. (SEGOLIM, 1978, p. 39).

É possível então afirmar que a consistência de um personagem está na proximidade de suas idiossincrasias com a condição humana então representada na literatura. Condição essa que, em “Mona Lisa” pode ser um espelhamento do judeu, com o desterrado, com o humano, enfim, que vai ser refletido na mulher em sua condição de exílio, de solidão.

Exemplo notório dessa solidão no conto “Mona Lisa” é a personagem Cecília. Ela há muito tempo é viúva e não teve filhos, mora longe e sua morada pode ser encarada

como um metonímia: “Sua casinha deve ficar do outro lado do subúrbio (...), isolada lá na vila, como a própria Dona Cecília...” (KUCINSKI, 2002, p. 60). Além do isolamento em que vive, essa personagem parece, diferentemente das moças que rodeiam Avrum, ter mais idade que as demais personagens. Numa bela imagem o narrador desenha a figura de Cecília cuja efemeridade da beleza jovial é arrancada gradativamente pelo vento:

Da mesma maneira que no mês passado, ela se encontrava sentada, como uma criança, nos degraus de sua pequena varanda. De longe, aos olhos de Avrum, parecia uma mulher seca e envelhecida. A aragem do anoitecer soprava em seus cabelos soltos e levava o pouco que lhe restava de juventude. Pareceu-lhe ainda mais velha. (KUCINSKI, 2002, p. 61)

Dessa citação pode-se notar o modo como o mascate contempla a cliente: focando seu interesse apenas na aparência envelhecida dela, que, além de viúva solitária é rotulada, pelos mexericos das outras mulheres, como uma mulher não idônea.

Apesar dessa visão sobre a idade da mulher, Avrum parece sentir-se atraído por Cecília: “O ar de seus olhos cinzentos semeava tristeza e despertava em Avrum pena, misturada com outros sentimentos.” (KUCINSKI, 2002, p. 61). Nesse trecho, o narrador deixa, ambigualmente, no ar, ou seja, não diz explicitamente qual seria o anseio do mascate pela freguesa e, logo em seguida, descreve o ambiente dentro da casa da mulher que, por sua vez, contribui para criar uma atmosfera agradável, íntima, para o visitante: “Comovido com a acolhida, com o silêncio e o frescor da casa, Avrum teve uma sensação de repouso (...) Avrum deparou com um interior fresco e agradável” (KUCINSKI, 2002, p. 61). Para quem anda sob um sol escaldante, uma anfitriã receptiva que, além de abrir a porta de sua casa, ainda lhe oferece água e toalha para enxugar o rosto, consegue criar um ambiente de aconchego, para até o mais despatriado dos homens. Entretanto, não são somente esses fatores materiais que levam o visitante a se identificar com a dona da casa: “Ele queria reatar a conversa sobre aquele tema interrompido, o da solidão.”. Avrum tem afinidade com Cecília devido, também, ao traço que esses personagens têm em comum: o fato de se sentirem sozinhos. Há então, um espelhamento nas características desses personagens: ambos se sentem sós e no encontro, vêem a possibilidade de conversar.

Fato também relevante a ser ressaltado, é o final do episódio quando Avrum vai entregar a encomenda de um retrato de Cecília e percebe que não deveria entregá-lo à mulher, pois ela fora pintada como “algo acinzentado, uma criatura enrugada, com os lábios cerrados, um ar zangado, olhar triste e opaco, voltado para a própria face, como se fosse o retrato de uma morta.” (KUCINSKI, 2002, p. 62). Essa descrição do narrador dimensiona quão velha e sofrida a anfitriã aparentava ser na fotografia, mas o narrador, em momento algum, emite um juízo de valor sobre a possível verossimilhança do retrato. Mas, por ser uma ampliação de um retrato pode-se dizer que o pôster ampliou / expôs ainda mais algumas marcas da idade, mas ela, sem querer enxergar isso, se vê - como tentativa de escapar da realidade - refletida na pintura de Leonardo da Vinci:

Dona Cecília pôs-se a remexer a mala de Avrum para disfarçar a sua vergonha e humilhação. Com tristeza e desprezo afastava os quadros baratos das santas, as imagens sagradas, até se deparar com aquele sorridente rosto de mulher, de cabelos soltos e seu olhar de felicidade, a Mona Lisa.

Desviando-se de Avrum, ela amassou a ampliação de seu próprio retrato. E vendo-se refletida na imagem daquela mulher desconhecida, pouco a pouco seu olhar cheio de tristeza se diluiu e agora, com calor, voltou-se brilhante para Avrum. (KUCINSKI, 2002, p. 62).

A partir desse acontecimento pode-se estabelecer uma relação do nome da personagem com seu comportamento. Segundo o *Dicionário de nomes de pessoas*,² o nome “Cecília” provavelmente tem origem trusca e significa no latim (*Caecilia*) “ceguinha”, e *caecus* significa “cego”. Então, é razoável dizer que a anfitriã da história, no momento em que rejeita a ampliação e põe-se a procurar outra que a satisfaça, não quer ver a realidade em que se encontra.

Além da postura de “fuga da realidade”, outro ponto se destacar na citação que caracteriza a personagem, diz respeito à ignorância de Cecília: ela (assim como as outras brasileiras que compram a imagem da Gioconda) não conhece o quadro de Leonardo da Vinci. É interessante a fala do narrador: “E vendo-se refletida na imagem daquela mulher desconhecida”. Tal desconhecimento pode corroborar para a identificação de Cecília com a Mona Lisa, visto que desconhecendo a obra de arte, ela pode fazer uma leitura completamente livre do quadro, desprovida de qualquer “contaminação” que ela teria caso houvesse lido ou ouvido falar a respeito do quadro.

A identificação de Cecília com a Gioconda também pode se dar também pela existência de uma idéia de enigma que permeia essa pintura de Leonardo da Vinci. É famoso o sorriso misterioso de Mona Lisa construída através de uma técnica de pintura chamada *sfumato* (“fumaça”, em italiano) que consiste na ausência de contorno. O procedimento desse artifício da pintura é esfumar as cores, não utilizar linhas, fazendo a fusão de cores que se transformavam em formas diante dos olhos do espectador. É essa imprecisão nos traços da Mona Lisa que causam, no espectador, a sensação de um sorriso indefinido. Imprecisão que é marca, também, de Cecília. Pouco se sabe a seu respeito: sabe-se que mora só e que é viúva, mas apenas cogita-se a hipótese de que ela era uma mulher leviana. O fato de haver apenas uma fala dela no conto e por ela morar longe, afastada da vila citada no texto, também contribuem para que pouco se saiba e muito se fale sobre ela. Assim, também a Mona Lisa - que pode ter sido a retratação de uma mulher que Leonardo da Vinci amou, poderia ser também sua mãe, assim como a mulher ideal ou, até mesmo o retrato de um amante, (devido aos traços andróginos da dama florentina) ou de um auto-retrato do pintor. Ou seja, muitas são as características dessas duas personagens que permitem que lhe sejam rotuladas como enigmáticas e devido a tais idiossincrasias elas passam a ser objeto de comentários, mexericos ou construções de perfis, como o de Kucinski, que revelem toda sua ambigüidade.

Para Beth Brait, a retratação de comportamentos de uma sociedade confere ao texto e às personagens uma das características do texto literário: a verossimilhança:

Sem concessões à violência fácil, esse escritor [Dashiel Hammet] instaura um narrador em terceira pessoa, uma câmera privilegiada, que vai construindo por meio de pistas fornecidas pela narração, pelas descrições e pelo diálogo o perfil das personagens que transitam pela intriga e simbolizam o mundo que ele quer retratar. (BRAIT, 1985, p. 57)

² Azevedo, 1993:474.

A partir do exemplo desse escritor pode-se conceber como a vida é pintada nas páginas de um livro e partir do que foi escrito, o leitor pode fazer suas inferências sobre o texto e o contexto em que vive ou em que a história se passa. Partindo de determinadas idiossincrasias das personagens pode-se chegar a um esboço daquilo que o autor ali criou. De acordo com Josane Barbosa, “A constituição da subjetividade se processa no entrelace dos sentidos que permeiam os fazeres da vida cotidiana” (BARBOSA, 2004, p. 46). Esses fazeres presentes nas atividades rotineiras em “Mona Lisa” servem para caracterizar a mulher como uma figura solitária, fora da cidade, muitas vezes, alheio ao seu movimento. O fato de as mulheres rodearem o jovem e belo vendedor e depois ficarem junto à santa pensando nele, as configura como seres que carecem de companhia. E as santas que, em tese, têm uma função sacra, acabam por ser “dessacralizadas” por não terem apenas a função de ser receptora da oração, mas por ser também um elo entre Avrum e o desejo das jovens brasileiras. As santas, elas mesmas mulheres, participam, portanto, do apelo natural do desejo feminino.

Essas ambigüidades, dessacralizações e espelhamentos, presentes na narrativa de Kucinski, revelam que a representação feminina de Cecília, assim como, a masculina de Avrum, como lados de uma mesma moeda, são figuras solitárias, *gauche*, inadaptadas, porém, como estrangeiras em qualquer terra, não se acomodam em si, saem fora da moldura do cotidiano, ficam à margem, se encontrando, portanto, no espaço possível da literatura.

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, Sebastião Laércio. *Dicionário de nomes de pessoas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

BARBOSA, Josane Fátima. *Entre dobradiças e dobraduras: a construção da personagem em Stella Manhattam, de Silviano Santiago e Brazil, de John Updike*. 2003. N° de folhas. Mestrado em teoria da literatura. FALE, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

KUCINSKI, Meir. *Imigrantes, mascates & doutores*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SEGOLIM, Fernando. *Personagem e anti-personagem*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.